

Thomaz Wood Jr.

## Ações *sustentáveis*

**N**o século 18, Adam Smith cunhou a metáfora da “mão invisível”. O célebre economista queria ilustrar o seguinte fundamento: se os produtores atuarem de forma livre e os compradores tiverem liberdade de escolha, então o mercado operará seu milagre e toda a comunidade sairá ganhando. Paradoxalmente, é uma versão perversa da “mão invisível” que parece estar por trás da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Ao se deparar com a extensão desse dramático fenômeno, o observador acidental talvez seja levado a julgar e condenar os personagens diretamente envolvidos: os caminhoneiros e as crianças e adolescentes. Ou talvez estenda seu olhar crítico para a ineficiência ou conivência do poder público. Ou quem sabe culpe as condições em que vive parte considerável da população brasileira e eleja a miséria como causa-raiz, a mãe ingrata de todos os vícios e tragédias.

Entretanto, aqueles que se propuserem a atuar de forma consistente devem evitar visões intuitivas e simplistas. Por trás do encontro entre um caminhoneiro e uma criança ou adolescente operam engrenagens de um perverso mercado de vidas humanas. Uma criança ou adolescente na estrada é fruto de um contexto social, econômico, psicológico e cultural, no qual se misturam pobreza sem esperança, desemprego dos pais, desagregação familiar, professores despreparados e ainda pequenos sonhos de consumo. Um caminhoneiro que se envolve sexualmente com uma criança ou adolescente traz com sua carga uma vida a enfrentar estradas mal pavimentadas, extensas jornadas de trabalho e violência. Faltam-lhe informações, a perpetuar valores ambíguos e comportamentos inadequados.

Além desses “personagens principais”, esse drama envolve também inúmeros coadjuvantes que, por sua ação criminal, sua passividade ou sua incompetência –



Arquivo pessoal

ou ainda por falta de articulação ou de recursos –, mantêm o “mercado” em operação. Entre esses atores estão as quadrilhas de tráfico humano, alguns donos de postos de abastecimento e alguns donos de boates de beira de estrada, que estimulam e organizam o deplorável comércio. Estão também as Varas da Infância e Juventude, Polícia Rodoviária, os Conselhos Tutelares e as ONGs, as quais, apesar de inúmeras iniciativas positivas, ainda não conseguiram gerar impactos duradouros.

A perspectiva da perversa mão invisível leva a duas conclusões. Em primeiro lugar, devemos aceitar que iniciativas pontuais e isoladas terão sempre efeitos limitados. Campanhas de sensibilização e aumento do controle policial, por exemplo, têm seus méritos, porém não irão alterar significativamente o funcionamento do “mercado”. Uma ação consistente deve, obrigatoriamente, envolver atividades articuladas nas várias frentes envolvidas. Em segundo lugar, devemos reconhecer o papel da iniciativa privada, em conjunto com o Poder Público e com as ONGs.

Empresas privadas e suas associações – tais como fabricantes e concessionárias de caminhões, transportadoras e empresas de logística, fabricantes de pneus, lubrificantes e acessórios, proprietários de redes ou de postos de abastecimento, promotores de eventos, sindicatos patronais e de caminhoneiros – e a mídia especializada podem e devem contribuir. São agentes indiretos, capazes de atuar positivamente no enfrentamento do problema. Essas organizações têm capilaridade e competência de gestão. São capazes de articular e colocar em prática medidas de sensibilização, de suporte aos caminhoneiros e de mitigação das condições de risco. Cabe aos líderes e formadores de opinião do setor privado alinhar seus recursos em favor desta causa nobre.

Thomaz Wood Jr. é professor da FGV-EAESP.

E-mail: twood@fgvsp.br

